

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CAMINHO PARA SUPERACÕES¹

Luciene Lima de Assis Pires²
Geilanes Barros do Nascimento³

Resumo

O artigo traz o resultado de pesquisa que teve como objetivo analisar o perfil de alunos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em escolas no estado de Goiás no período de 2014 a 2018 a fim de identificar suas dificuldades, bem como realizar o acompanhamento dos mesmos buscando minimizar as dificuldades por eles enfrentadas. Foram 100 alunos pesquisados, sendo 20 em cada ano. Verificou-se que 80% dos alunos ficaram fora da escola por mais de 5 anos e 75% deles retornaram à escola por questões relacionadas ao trabalho. Para este artigo fez-se um recorte tendo como foco o acompanhamento de uma aluna de uma escola municipal em Jataí-GO, na disciplina de Matemática, no primeiro semestre de 2018.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Educação Matemática, Processo Ensino-Aprendizagem.

Considerações iniciais

Ao longo de nossa prática docente, temos vivido uma inquietação diante do caráter excludente assumido pela disciplina de Matemática, sobretudo no Ensino Fundamental I. Os conteúdos dessa disciplina, embora fundamentais para a atuação dos sujeitos no mundo, se tornam inacessíveis para boa parte da população, que, em sua passagem pela escola, constata o “alto grau de dificuldade” e abstração dessa área do conhecimento.

A forma de tratamento dos conceitos matemáticos, isolando-os da sua significação sócio-histórica, certamente é um dos elementos responsáveis pelos índices de repetência e evasão escolar. Esse paradoxo, sem dúvida, poderia ser eliminado, ou pelo menos amenizado, por uma sólida abordagem da leitura nos contextos matemáticos, presentes nas atividades e avaliações da disciplina em questão.

Diante dessa realidade, nos propusemos, neste trabalho, relatar o acompanhamento a uma aluna da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola municipal da cidade de Jataí-GO. Foram pesquisados 10 municípios no Estado e a escolha de cada um deles se deu por opção dos pesquisadores. No caso do recorte deste artigo, a escola foi

¹ Pesquisa vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências e Matemática (Nepecim).

² Doutora em Educação, professora titular aposentada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, lucieneapires@gmail.com;

³ Mestranda em Educação para Ciências e Matemática - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, geilanesbarros2016@gmail.com;

escolhida por ser a única escola municipal da cidade de Jataí que oferta a modalidade EJA do Primeiro Segmento que corresponde aos anos iniciais do ensino fundamental.

A disciplina a ser evidenciada nesse trabalho foi a de Matemática, pois se trata de uma disciplina em que 60% dos alunos relataram apresentarem dificuldades. Sabe-se que um grande desafio que a escola tem enfrentado a nosso ver, é possivelmente o ensino de Matemática. É generalizado o conceito de que a Matemática é difícil e que somente os alunos mais inteligentes conseguem aprender e resolvê-la. No momento atual vários pesquisadores têm se dedicado a pesquisas e estudos nos problemas relacionados ao déficit da aprendizagem da Matemática no ensino regular, e cujo fato pode se agravar quando se trata da modalidade EJA.

Este artigo está dividido em três momentos, sendo três voltados ao acompanhamento da pesquisadora junto à aluna da EJA e um voltado para sugestão de uma proposta didática de intervenção que deverá auxiliar a aluna em seu percurso de estudo, que serão apresentados a seguir.

O primeiro momento enfatiza informações em relação a identificação da aluna, evidenciando as características pessoais, sexo, idade, dentre outras informações, sem identifica-la, a aluna é uma participante voluntária. Tal pessoa será referida neste trabalho como aluna EJA. Pretende-se abordar também os motivos pelos quais a aluna ficou sem estudar, e evidenciar as razões pelas quais voltou para a escola. Conhecer também as considerações da aluna EJA sobre a escola, sobre a disciplina de Matemática, o período destinado ao curso, dentre outras informações.

O segundo momento destaca a coleta de informações acerca da percepção do curso pela Aluna EJA, de forma a citar as suas dificuldades iniciais, dentre outras, e como conseguiu superá-las (ou não). Também como objetivo da pesquisa que a aluna relate a prática pedagógica da professora e quais os resultados alcançados pela aluna nas avaliações e como são as avaliações nesse processo de ensino.

A aluna foi indagada sobre quais disciplinas possuía maior facilidade e maior dificuldade de aprendizagem e como superou tais desafios. Buscamos compreender como foi a prática da professora em sala de aula, bem como os instrumentos e recursos utilizados no sentido de promover a melhoria da aprendizagem principalmente na disciplina de Matemática que é o foco dessa pesquisa.

O terceiro momento do trabalho foi designado à reflexão da aluna da EJA sobre a importância dos conteúdos aprendidos no semestre durante o acompanhamento, principalmente na disciplina de Matemática, questionando-a sobre os desafios, levando-a a

refletir se eles se mantiveram ou foram superados. Foram realizados questionamentos a Aluna EJA sobre como desejaria que fossem as aulas, sobre os livros didáticos, dentre outras informações e os desafios enfrentados pela professora nesse processo.

A aproximação dos pesquisadores com os entrevistados aconteceu pela apresentação da aluna pela professora. Em conversa com a professora havia explicado o objetivo da pesquisa e que gostaria de realizar a pesquisa com o aluno que havia permanecido mais tempo sem estudar, a qual a professora me apresentou a aluna em questão. A entrevista foi realizada, a fim de se obter as informações anteriormente evidenciadas, mas outras duas entrevistas foram realizadas para consolidar os dados apresentados. Tais informações serão expostas na próxima seção, com reflexões críticas em relação a temática EJA, comparada com a aluna EJA.

Caminhos da pesquisa

A pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa Nepecim e todos os sujeitos foram convidados a participarem e deram anuência pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Realizou-se entrevista com questões semi estruturadas e o acompanhamento de cada sujeito foi realizado por um dos pesquisadores. A pesquisa foi desenvolvida nos anos de 2014 a 2018. Em cada ano os pesquisadores definiam os municípios e as escolas em que seriam coletados os dados e os níveis de EJA a serem pesquisados. Os alunos a serem acompanhados durante o semestre eram escolhidos levando em consideração o maior tempo em que ficaram fora da escola. Escolhidos os sujeitos realizava-se um primeiro contato a fim de verificar em quais disciplinas – dentre as que se configuram como objeto da pesquisa – este sujeito apresentava maior dificuldade. As disciplinas objeto da pesquisa foram: Biologia; Física; Matemática e Química (no caso de alunos de EJA - ensino médio); Matemática e Ciências (no caso de alunos de EJA - ensino fundamental).

Os alunos foram acompanhados durante um semestre letivo durante o qual os pesquisadores realizavam três entrevistas definidas como: inicial (que acontecia no primeiro mês de aula) na qual se indagava sobre as percepções do retorno à escola, expectativas e angústias; intermediária (que acontecia após as primeiras avaliações) na qual se verificava o desempenho no primeiro bimestre e a superação – ou não – das dificuldades encontradas; final (que acontecia antes do encerramento do semestre) na qual se analisava as apreensões do aluno após o retorno à escola.

O ensino de Matemática na EJA: desafios e possibilidades

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/1996 legitima a modalidade EJA cuja oferta é obrigatória a todos os poderes (municipal, estadual e federal) e deveria assegurar o direito dos jovens maiores de 15 anos de concluírem o ensino fundamental, enquanto os maiores de 18 anos a concluírem o ensino médio, mas pouco ou nenhum investimento das políticas públicas efetivamente aconteceram nos últimos anos.

Por esse caminho, no ano seguinte a promulgação da lei, em 1997, a educação de jovens e adultos teve início em Jataí-GO na rede municipal. O município coordena, em 2018, três escolas municipais com o funcionamento da EJA no período noturno e trabalha com o ensino fundamental II e apenas uma escola municipal trabalha com o a modalidade EJA no Primeiro Segmento do Primeiro ao quarto Período.

Para o acompanhamento da aluna EJA, realizamos três encontros com a aluna. No primeiro momento, além de entrevistar a aluna fizemos uma pesquisa na secretaria da escola, objetivando traçar um perfil da turma e essa descrição da turma do Primeiro Segmento do Segundo Período da modalidade EJA foi construída a partir de entrevistas com a professora da turma.

Com o início desses contatos, explicamos o objetivo da pesquisa e esclarecemos que durante o primeiro semestre a aluna seria acompanhada no aspecto pedagógico, no desempenho da sala de aula, com foco na disciplina de Matemática, observando o processo de ensino e aprendizagem e os desafios e possibilidades encontradas.

Quanto ao perfil da turma, era composta por dezoito alunos matriculados. Dois alunos desistentes. Onze alunos frequentes, seis alunos matricularam-se no início do semestre, fizeram uma avaliação ao término do primeiro bimestre e foram reclassificados para o terceiro e quarto ano, esse procedimento é realizado quando o aluno possui defasagem idade/série e um desenvolvimento satisfatório no semestre, dois alunos estavam matriculados no sexto ano do Segundo Segmento, como não sabiam ler e escrever voltaram para a sala do Segundo Período um semestre para aprenderem a ler e escrever, segundo a professora voltaram por opção deles. A idade da turma variou de 26 a 63 anos, mas a maioria está entre quarenta 40 e 50 anos.

Vale ressaltar que na sala tem uma aluna cega. A mãe nunca havia permitido que ela estudasse por causa de seu “problema”. A mãe teve câncer, morreu após algum tempo e aos 35 anos a aluna “criou coragem” e iniciou os estudos no primeiro semestre de 2017, no Primeiro Segmento do Primeiro período da EJA. A aluna mora sozinha na casa e a tia mora ao lado, mas segundo a professora ela cuida da casa e de si muito bem, sem ajuda de terceiros.

A escola possui difícil acesso, com rampas que permite acesso a dois pisos da escola. A professora nos relatou que quando a aluna chega, fica aguardando, o primeiro aluno chegar e este a encaminha para a sala até a professora de apoio chegar. A teoria de Paulo Freire (2017) nos traz a caracterização da educação atual quando diz que:

Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos. Esta nos parecia uma das grandes características de nossa educação. A de vir enfatizando cada vez mais em nós posições ingênuas, que nos deixam sempre na periferia de tudo o que tratamos. Pouco, ou quase nada, que nos leve a oposições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras. (FREIRE, 2017, p. 126).

Vivemos imersos em nossas realidades e esquecemo-nos de perceber o que está a nossa volta. Freire (2017), em sua obra relata que é preciso assumir uma responsabilidade e uma generosidade ao ensinar. O processo ensino aprendizagem deve primar pelo respeito, autenticidade, trabalhar nos alunos o senso de responsabilidade sobre suas ações.

Precisamos compreender que a educação é uma forma de intervir no mundo. O ato de intervir no mundo exige não só do professor, mas também dos estudantes, a conscientização para tomar decisões. Relata ainda saberes importantes que devem ser desenvolvidos na educação: o saber escutar e a disponibilidade para o diálogo.

Na primeira entrevista foi constatado que a aluna EJA é natural da cidade de Itarumã-GO, tem 63 anos de idade, é uma pessoa do sexo feminino, separada, mãe de dois filhos e se declara de etnia parda, matriculou-se na EJA em 2017, cursando dois anos o Primeiro Período, faz faxina duas vezes por semana em casa de família, é aposentada e está finalizando o ano letivo de 2018.

A aluna encontra-se no primeiro semestre do Primeiro Segmento e matriculada no Segundo Período da modalidade EJA. De acordo com as entrevistas e relato da professora a aluna EJA se mostrou assídua, não tem problema quanto a faltas, pois seu filho trabalha na instituição, é uma aluna interessada e comprometida com todas as propostas pedagógicas oferecidas a ela, estuda por volta de duas horas todos os dias, revisando os conteúdos apresentados pela professora no dia anterior.

A aluna EJA não reprovou nenhuma vez, parou de estudar porque, quando era pequena morava na fazenda e os pais que ali residiam se reuniam e pagavam uma professora para dar aula para as crianças que moravam próximas à sede da fazenda, mas as professoras não permaneciam, sempre trocava, ficava um mês, mudava e vinha outra, o que prejudicava o desenvolvimento das crianças. Ela casou-se com dezesseis anos continuou morando na fazenda, morava em Itarumã e não tinha a modalidade EJA, estudou até a terceira série.

Quando teve o último filho sofreu eclampsia, o filho nasceu de oito meses, foi muito complicado, se esquecia de tudo, “dava branco”, era como se não se lembrasse de nada. Os filhos ao completarem a idade de alfabetização obrigaram a família a se mudar para a cidade, mas como precisava trabalhar nunca sobrou tempo para estudar. Segundo a aluna EJA sempre se preocupou com a educação dos filhos, todos são formados, trabalham e continuam investindo nos estudos.

Nesse contexto, como foi proposto no Plano Nacional de Educação (PNE) nas Metas 9 e 10, a oferta de matrículas para a EJA e a “erradicação” do analfabetismo ainda precisa superar inúmeros desafios, como Paulo Freire já fazia referências há mais de quarenta anos. Machado e Oliveira (2013) ao se referirem às palavras de Freire, apontam que o discurso a respeito do analfabetismo ainda precisa ser reformulado.

Paulo Freire, ao refletir a dimensão política das práticas de alfabetização, nos provocou a pensar sobre a concepção de analfabetismo dominante, estamos novamente a pautar essa questão, na perspectiva de “erradicação” do analfabetismo, como uma das diretrizes previstas no PNE (MACHADO e OLIVEIRA, 2013, p.131).

A aluna EJA diz que pretende terminar o ensino médio, ela quer aprender a ler com fluência, para ler a bíblia, e escrever para não precisar dos outros, geralmente as pessoas alegam não terem tempo para ajudá-la e ela “não gosta de esperar”. Ela comentou que é muito triste não saber falar corretamente algumas palavras, as pessoas riem, deboçam. “Quero aprender a falar corretamente para não passar por constrangimento”, disse ela.

Podemos inferir que a alfabetização é o primeiro passo para um indivíduo adquirir letramento. De acordo com Soares (2007, p. 29) o alfabetismo representa que simplesmente saber ler e escrever.

[...] só recentemente começamos a enfrentar uma realidade social em que não basta simplesmente “ler e escrever”: dos indivíduos já se requer não apenas que dominem a tecnologia do ler e do escrever, mas também que saibam fazer uso dela, incorporando-a a seu viver, transformando-se assim “estado” ou “condição”, como consequência do domínio desta tecnologia.

No segundo momento a aluna EJA relatou ainda a dificuldade de ter colegas muito jovens, sem perspectiva. No período passado (em 2017) tinha colegas mais jovens, faziam bagunça. A professora não tinha domínio, alguns colegas mais velhos pararam de estudar por este motivo. Numa dessas aulas a professora chamou a atenção de um aluno e ele disse: “esses velhos não aprendem e não vão aprender nada mesmo”. Como afirma a aluna “eu dava conselhos para eles que eles iam se arrependem, perder tempo com brincadeiras de mau gosto.

Estudar para quê? Estudo não vale nada, não serve para nada”, diziam eles. “Esse ano está bem melhor todos que estão na turma querem realmente estudar”, afirmou a aluna.

A aluna em uma das entrevistas relatou possuir dificuldade na disciplina de Matemática em alguns aspectos: sabe fazer cálculos de cabeça, sabe “voltar troco”, conversar, interagir dentre outras habilidades, pois foi proprietária de um supermercado. O desafio é quando a professora pede para escrever os números por extenso, organizar as operações. Mas esses desafios não impedem que a aluna EJA goste da disciplina de Matemática.

Ao ser indagada sobre o que a EJA representa durante esse processo de ensino, a mesma afirmou que: “estava fora do mundo, com o estudo aprendi novos conhecimentos sobre várias coisas. Estou aprendendo ler e escrever, o estudo abre a mente. Vou ganhar um celular da minha neta, agora já sei ler, tropeçando, mas sei”.

A professora demonstrou interesse em contribuir com o aprendizado da aluna e se propôs a realizar um trabalho de cooperação no sentido de recuperar o tempo perdido nos estudos. A professora procurou incentivar os alunos a continuarem, não desistirem e, para isso, procura manter interação com os discentes, auxiliando-os nas suas dificuldades. Em todas as etapas do trabalho, a aluna sempre afirmou que a professora era dedicada, paciente e se preocupava com a turma.

Por outro lado, a aluna percebe que a escola dá suporte e se propõe a encaminhar o aluno nas suas dificuldades e limitações e, ao mesmo tempo, a aluna não tem custo na escola e percebe-se a satisfação dos colegas em voltarem aos estudos, em estarem em uma sala de aula, podendo aprender a ler e a escrever.

Neste contexto, se o caminho para uma educação que gere autonomia e transforme a realidade dos oprimidos ainda está em processo, de certo modo, a educação “bancária” não está ainda tão proclamada na sala do I segmento. Cabe ressaltar, aqui, que a concepção de uma educação libertadora proposta por Freire (2005), possivelmente, de certo modo, aos poucos vai sendo idealizada e neste contexto anuncia que

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros (p. 139). [...] Se o compromisso verdadeiro com eles, implicando a transformação da realidade em que se acham oprimidos, reclama uma teoria da ação transformadora, esta não pode deixar de reconhecer-lhes um papel fundamental no processo da transformação (p. 142).

A aluna EJA respondendo a questão se a EJA pode preencher a ausência de um ensino na idade própria, ela disse que:

em partes, não poderá compensar o que ficou para trás, porque foram muitos conteúdos que não foram vistos, a idade já não ajuda a compreender os conteúdos, na escola regular tem mais tempo para estudar, aqui é muito rápido. A professora disse que vou para o terceiro ano, mas não quero ir. Quero ficar mais o segundo semestre para aprender a ler e escrever com autonomia (Aluna EJA).

Segundo Machado (2010),

Em contraposição à perspectiva aligeirada e compensatória de educação descrita, o que esse segundo movimento propõe é colocar o aluno jovem e adulto trabalhador no centro do seu processo de aprendizagem, como sujeito, não mais como um objeto da ação educacional. Isso implica dar a ele poderes e responsabilidade sobre o que aprender e como aprender. Essa postura pedagógica e política chama atenção para a responsabilidade do ato educativo e sua potencialidade de intervenção na realidade pessoal e coletiva dos sujeitos envolvidos, sejam eles educadores ou educandos (p.156-157).

Na visão da aluna pesquisada, o objetivo dos alunos da EJA é o de recuperar o tempo perdido e seguir em frente nos estudos. São alunos de várias idades, a maioria são trabalhadores, está cansada a noite do trabalho realizado, outras são donas de casa. Quando questionada sobre o que havia aprendido no semestre na disciplina de Matemática, que é o foco do estudo, a aluna esclareceu que aprendeu sobre: adição, subtração, multiplicação, conceitos de divisão. Por outro lado, ela comentou sobre as dificuldades quanto à disciplina de Matemática em relação à leitura de situações problemas, dos enunciados das atividades. Segundo ela, essas dificuldades ainda não foram superadas, está em processo de aprendizagem de leitura e de escrita, como lê “devagar”, quando termina não sabe o que é para fazer na atividade, apesar das orientações da professora. “Quando estou perto da professora é fácil fazer as atividades, quando estou sozinha é mais difícil, quando ela explica no quadro eu também entendo”, disse ela.

Sobre as questões pedagógicas indagou-se como a aluna acredita que a professora deveria trabalhar em sala de aula para sanar as dúvidas em Matemática e ela afirmou que “a educadora é solícita, atende nas carteiras e tira as dúvidas quanto às questões de matemática e de outras disciplinas, é calma e explica quantas vezes fossem necessárias”. A aluna comentou ainda que o fato dela ir às carteiras, repetir a explicação mais de uma vez, ajuda muito, relatou que gostava muito do incentivo da turma, todas as vezes que algum aluno participava de alguma atividade de leitura, de Matemática, ao fim da atividade os alunos aplaudem e isso é “muito bom, incentiva a participação”.

A aluna demonstrou ter uma empatia pela professora, uma identificação, quando disse: “a professora é muito paciente, ela é calma, gosto muito dela”, como aponta no seu tom de voz revelou-nos certa identificação com a professora quando disse: “a professora é muito

paciente nas explicações”. Este comportamento da professora regente é importante no processo ensino-aprendizagem como aponta Dowbor (2008):

Não aprendemos com qualquer um. Para podermos aprender necessitamos, de certa maneira, sentir-nos identificados com aquele que nos ensina. Portanto, o processo de aprendizagem forçosamente passa pela estruturação do indivíduo tanto no sentido do aspecto da construção da objetividade quanto no da construção de sua subjetividade, marcando, assim, tanto o corpo daquele que ensina como daquele que aprende. (DOWBOR, 2008, p. 62).

Segundo Dowbor (2008), todo aquele que educa se põe na posição de ser modelo para o outro, um modelo autoritário não permite o ato de tentar conhecer, não cria um ambiente para a autonomia, não possibilita a construção do conhecimento com o grupo e no grupo evidencia o autor.

Nesse contexto, a aluna entrevistada revelou em sua fala as suas dificuldades com relação à antiga professora do 1º período na EJA “Tenho péssimas recordações das aulas, não aprendi quase nada, a professora não tinha paciência, eu aprendi muito mais com essa professora de agora”, disse ela. Sobre esta questão Dowbor, (2008) salienta que:

O autoritário tem como objetivo não permitir que o outro – neste caso, o educando – seja ele próprio, e para tal constrói um tipo de relação que impossibilita ao outro se diferenciar dele, mantendo-o numa dependência em relação à sua pessoa.[...] aquele que aprende com modelo de educador autoritário não consegue sentir-se sujeito do próprio processo de aprendizagem e de construção de conhecimento (DOWBOR, 2008 p. 62).

A aluna comentou que até o momento da entrevista não havia feito nenhuma avaliação da disciplina de Matemática, apenas alguns trabalhos de sala orientados pela professora e que ela aguardava as provas “vamos ver como vai ser”, disse. O período passado a professora não ensinava e dava prova e dizia podem responder. “Responder como? Não sabemos ler e escrever”.

No terceiro momento, ao entrevistar a professora a mesma afirmou que os desafios para atuar na modalidade EJA são vários: falta de formação específica para atuar na EJA, material didático defasado e inadequado, pensando na modalidade EJA, Primeiro Segmento, Segundo período em que ainda não leem e escrevem, o material adotado é fora da realidade, os textos são longos, geralmente traz os textos curtos impressos de casa, não possui apoio pedagógico ou direcionamento quanto ao trabalho a ser realizado, a matriz curricular está fora da realidade, muitas disciplinas a serem ministradas em um período tão curto.

Dificuldades e superação

Em seus depoimentos, tanto da aluna EJA quanto da professora as aulas ainda continuam de forma *tradicional*, percebe-se pela fala da aluna que essas aulas seriam expositivas em que a professora fala, os alunos ouvem e fazem o que está sendo solicitado, sem levantar pontos de questionamentos e reflexões. De acordo com a professora, os alunos gostam de copiar do quadro, acham que é perda de tempo trabalhar com materiais concretos e diversificados, como jogos por exemplo. A aluna acredita que não seja necessário mudar as metodologias para ensinar, as *aulas tradicionais* são boas.

Porém, também, pela fala da aluna e entrevistas com a professora, é preciso refletir na prática pedagógica dos professores da EJA, como Machado (2008, p. 32) estabelece, uma ação dialógica proposta por Freire desde a década de 1960 em suas obras, uma relação dialógica entre professor e aluno e, nesse sentido, os conteúdos sejam propostos de uma forma discutível e reflexivo na preservação pretensa da pureza cultural.

Nessa ordem de ideias, Weschenfelder (2003, p. 95-96) ressalta que os fatos do cotidiano no espaço de socialização escolar refletem nas ações, nos pensamentos e esses fatos constroem outras correlações externas que transparecem nas percepções e sentidos internos que já carregamos e, evidentemente, nas práticas pedagógicas.” Esse é o espaço-tempo dialético em que vamos produzindo a nossa consciência crítica, não alienada, ou seja, uma consciência crítica [...]” (WESCHENFELDER, 2003, p.96)

Neste contexto, como o foco de estudo da pesquisa foi a disciplina de Matemática, Weschenfelder (2003) em seu livro *A matemática na educação de pessoas jovens, adultas e idosas* considera que no ensino é imprescindível ressignificar as práticas pedagógicas em matemática e assim compreender o universo no qual esse grupo de pessoas da EJA está inserido, conhecer as vivências e realidade local e assim propor um trabalho que modifique as condutas educativas simples (sem possibilidades de levantamento de críticas) em condutas que proporcionem uma reflexão e diligência dos grupos. Nesta perspectiva, Weschenfelder (2003) propõe que transformar

Práticas pedagógicas acríticas, ingênuas em práticas pedagógicas críticas, reflexivas, emancipatórias, intencionais não é um ato sem intencionalidade, espontâneo. Exige esforço em grupo, construção permanente e de uma disciplina intelectual, fontes teórico-práticas enraizadas no contexto das ações concretas, procedimentos metodológicos definidos, principalmente de trabalho incorporados criticamente, inscrevendo-se no movimento de consciência-ação dos sujeitos envolvidos (WESCHENFELDER, 2003, p. 95).

A professora também relatou que os alunos da EJA são inseguros, sem autonomia, em relação a leitura e escrita, a maioria querem cursar outro semestre na mesma série. A professora reafirma que o tempo é curto e ainda existem outros problemas correlacionados que é o cansaço devido à idade e ao trabalho exercido durante o dia. Ao ser questionada como ocorre o trabalho com as outras disciplinas, relatou que trabalha pouco, pois o foco é aprender a ler e escrever e esse também é o desejo dos alunos. O tempo não permite a exploração de todas as disciplinas como deveria. Sobre a avaliação a professora esclareceu que é um processo contínuo e que todas as atividades propostas são avaliadas.

Considerações Finais

O trabalho teve como objetivo realizar o acompanhamento de uma aluna da EJA na disciplina de Matemática em uma escola municipal da cidade de Jataí-GO. Foram realizados três momentos distintos da entrevista para entender como se deu o processo de ensino aprendizagem ao longo do primeiro semestre.

Abordaremos algumas considerações sobre cada etapa do trabalho desenvolvido. Percebe-se que a aluna ficou feliz em participar do trabalho de acompanhamento, ela é bem comunicativa, expressou bem as suas ideias e o seu falar é espontâneo. O desejo da aluna é o de aprender a ler e escrever, para fazer uso dessa leitura e da escrita em situações de uso social como ler a Bíblia, participar das leituras na missa, saber usar o celular, ler as receitas ao fazer as quitandas.

É nesta perspectiva que os alunos devem ser alfabetizados, pois eles precisam fazer uso dos domínios da leitura e da escrita para participarem do contexto social e avançarem como verdadeiros cidadãos. Associado a este discurso temos o letramento como uma continuação da alfabetização, assim podemos afirmar que o letramento exige uma compreensão maior da língua, exige também uma apropriação do mundo da leitura, e esse fato só vai ser conquistado se a leitura nos diversos contextos, incluindo os de Matemática se tornar uma prática pedagógica.

Verificou-se por meio da fala da professora que pouco se tem investido na modalidade EJA principalmente quanto a formação docente, material didático, metodologia de ensino, acompanhamento do trabalho pedagógico por parte da coordenação, dentre outros fatores.

Algumas informações são de que a modalidade EJA em duas das escolas no município referente ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º) ano não vão ofertar essa modalidade do Segundo Segmento no segundo semestre de 2018 ficando só com a modalidade Profen (Programa de Fortalecimento do Ensino Médio Noturno). A matriz da EJA do Segundo (2º)

Segmento que equivale do sexto ao nono (6º ao 9º) ano é proposta para seis (6) períodos, porém, de fato só existem quatro (4) períodos. Sendo assim, os alunos deixam de estudar os conteúdos de dois períodos. O mesmo acontece no Primeiro Segmento, esse semestre está sendo ofertado até o quarto (4º) período. Sendo seriadas Primeiro e Segundo períodos e Terceiro e Quarto período, o Quinto período ainda não é ofertado.

Com a lei, estabeleceu-se nova configuração para a EJA como um direito à modalidade da educação básica no sentido de debater questões referentes à formação inicial e continuada dos professores. E nesta perspectiva, o contexto atual no Brasil as instituições articulam ações e promovem um discurso entre educadores, pesquisadores e gestores, professores de assim criar proposições de novos rumos para a EJA, mas essa não foi a realidade encontrada nas entrevistas realizadas com a aluna EJA e a professora conforme registros anteriores. Será apenas falácia?

Essas são as conclusões que obtivemos durante a observação da aluna EJA e do relato da professora, ainda temos um longo caminho a percorrer, para de fato proclamarmos uma educação comprometida com a libertação dos homens, uma alfabetização humanitária, problematizadora, que promova o diálogo, pois no diálogo se encontra o refletir e o agir, onde a práxis (reflexão e ação) possam verdadeiramente transformar as realidades educacionais do nosso País como aponta Paulo Freire em seus estudos e reflexões.

Portanto, não podemos nos calar diante das realidades que nos são apresentadas, precisamos nos posicionar, debater sobre aquilo que não está prevalecendo como de direito. Buscar meios de assumir com responsabilidade e criticidade um ensino de qualidade social, intervindo no mundo para que as mudanças de fato aconteçam.

Referências

- DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Sonia Lucia de Carvalho e Deise Aparecida Luppi (orgs.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 40. ed. São Paulo. Paz e Terra, 2017.
- MACHADO, Maria Margarida. Quando a obrigatoriedade afirma e nega o direito à educação. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 4, n.7, p. 245-258, jul./dez. 2010.
- MACHADO, Maria Margarida; OLIVEIRA, Edna de Castro. O analfabetismo tantos outros desafios da educação de jovens e adultos no PNE 2014- 2024. In.: PINO, Ivany Rodrigues e ZAN, Dirce Djanira Pacheco (Org.) **Plano Nacional de Educação (PNE):** questões desafiadoras e embates emblemáticos. Brasília: Inep, 2013, p. 129-143.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2007.
- WESCHENFELDER, Maria Helena. **A matemática na educação de pessoas jovens, adultas e idosas**. Passo Fundo: UPF, 2003.